Data: 03.09.2021
Titulo: O TERRORISMO E O APOIO A ÁFRICA
Pub: Expresso ECONOMIA
Tipo: Jornal Nacional Semanal
Secção: Nacional
Pág: 29

QuickCom comunicação integrada

Área: 191cm²/ 14%
Tiragem: 123.400
FOTO
Cores: 4 Cores
ID: 7215875

Olhar o Sul

O TERRORISMO E O APOIO A ÁFRICA

Manuel Ennes Ferreira
mfereira@iseg.ulisboa.pt

Sem nunca ter deixado de estar no centro das preocupações quanto aos seus efeitos na estabilidade de países e regiões, o terrorismo emerge de novo como foco de atenção mediática na sequência da retirada norte-americana e dos seus aliados do Afeganistão. Parafraseando um velho *slogan*, o Governo deste país era um tigre de papel. Sem a proteção de que gozava, por mais bem armado e treinado que estivesse, esboroou-se num ápice. Os receios do aproveitamento da situação por parte de grupos terroristas como o ISIS-K surgiu. O que tem isto a ver com África? Neste continente, diversos países sofrem desde há muitos anos (destaque para vários países do Sahel, a Nigéria ou a R. D. do Congo) ou um pouco mais recentemente (Moçambique) com a presença de grupos terroristas. Em um grande número de casos gozam do apoio de milhares de militares estrangeiros, africanos ou não. O destaque vai para o contingente francês, mas também para aqueles sob a chancela das Nações Unidas, a par de, entre outras nacionalidades, americanos, ingleses, alemães, portugueses, sauditas ou ainda ruandeses em Moçambique. As forças de segurança nacionais têm sido incapazes de enfrentar e estabilizar os seus países sem esta extraordinária intervenção estrangeira. O que levanta a delicada questão de saber se, com uma hipotética retirada ou diminuição da presença daquelas forças, os Governos dos países em causa aguentariam as ofensivas terroristas. Quando, em junho, o Presidente francês, Macron, anunciou o fim da Operação Barkhane nos cinco países do Sahel, iniciada em 2013, dispondo-se a fazer diminuir os 5100 homens no terreno, as campainhas de alerta daqueles países soaram. Saltando para a costa oriental africana, Moçambique mostrou ser incapaz de suster o avanço de militantes na linha do Daesh e que da Somália ao Quénia ou à Tanzânia circulam em atividade. Uma força ruandesa conseguiu, aparentemente e para já, estancar a progressão. À falta de melhor opção, a presença de apoio militar e de informações externas é a saída para tentar manter alguma estabilidade, tão necessária ao país para levar por diante o desenvolvimento económico e social. Mas a ocupação militar *ad aeternum* não é a solução. Por que razão os países não conseguem ter forças armadas à altura da tarefa que lhes é exigida, mais a mais gozando de apoios diretos em homens, treino, logística, informações e equipamento por parte de países e organizações indicados mais atrás? Causa alguma perplexidade. E, entretanto, os custos económicos do terrorismo em África são pesadíssimos. Na próxima crónica desenvolveremos este tópico.

Professor do ISEG/ULisboa

Causa alguma perplexidade a incapacidade de susterem o avanço militar de grupos terroristas